

Entre o Silêncio dos Números e a Voz da Cultura: a emergência da Etnomatemática como consciência pedagógica

Ezequias Adolfo Domingas Cassela

Cuito, Bié - Angola

ezequiasadolfo@hotmail.com

Doutorado em Educação Matemática

Escola Superior Pedagógica do Bié

<https://orcid.org/0000-0001-7703-0097>

Como a perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática — ou do Programa Etnomatemática ou das EtnoMatemaTicas — lhe foi anunciada em sua atividade educacional ou acadêmica? Essa questão, quando me foi colocada, fez-me regressar imediatamente aos corredores das instituições de formação de professores em Angola, às salas de aulas marcadas por quadros repletos de fórmulas e, sobretudo, às inquietações silenciosas dos estudantes diante da Matemática que lhes era ensinada.

Ao longo da minha trajetória como docente de Matemática em Angola, particularmente no ensino da Geometria Analítica na Escola Superior Pedagógica do Bié, fui percebendo que existia uma fratura profunda entre os conteúdos matemáticos ensinados na sala de aulas e os universos culturais dos alunos. Eu ensinava conceitos rigorosos, abstratos e formalmente organizados segundo programas curriculares fortemente influenciados por modelos importados, enquanto os estudantes buscavam, quase desesperadamente, encontrar sentido naquilo que aprendiam.

Essa tensão manifestava-se constantemente por meio de perguntas que ecoavam dentro de mim muito além do espaço da aula: “Aprender isso para quê?”, “Onde é que esse conhecimento vai ser usado na minha vivência?”, “Será que isso é aplicável no nosso contexto?”, “Como podemos identificar isso nos objetos do nosso cotidiano?”. A princípio, eu via essas questões apenas como sinais de desmotivação. Com o tempo, compreendi que elas eram, na verdade, denúncias epistemológicas profundas. Os alunos estavam a questionar a ausência de diálogo entre a Matemática escolar e suas experiências de vida.



Foi exatamente nesse desconforto pedagógico que a perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática começou a anunciar-se para mim. Não surgiu primeiro nos livros, nem nos congressos acadêmicos, mas nas inquietações concretas produzidas pela prática docente. Ela nasceu da percepção de que havia algo de incompleto num ensino que privilegiava exclusivamente conteúdos abstratos e universais, enquanto silenciava os conhecimentos culturais, históricos e sociais dos próprios sujeitos que aprendiam.

Ao refletir sobre a realidade educacional angolana, marcada por currículos importados, formação excessivamente teórica e dificuldades de contextualização do ensino, comecei a compreender que a Matemática ensinada na escola era frequentemente percebida pelos alunos como um saber estranho, distante e exterior às suas realidades. A afirmação de Paulus Gerdes, segundo a qual a Matemática é muitas vezes vista em África como uma disciplina importada e sem utilidade concreta, parecia traduzir fielmente aquilo que eu observava diariamente em sala de aulas.

Percebi então que o problema não estava apenas nos métodos de ensino ou na falta de recursos didáticos. Existia uma questão mais profunda: a negação das matrizes culturais locais dentro do processo educativo. Os conhecimentos produzidos nas comunidades, as formas próprias de medir, construir, organizar o espaço, contar, comparar e resolver problemas cotidianos raramente eram reconhecidos como formas legítimas de produção matemática.

Foi nesse contexto que as ideias de Ubiratan D'Ambrosio e Paulus Gerdes passaram a fazer sentido para mim. A Etnomatemática revelou-me que a Matemática não é apenas um corpo universal de verdades abstratas, mas também uma construção humana historicamente situada, produzida em diferentes contextos culturais. Compreendi que ensinar Matemática não deveria significar apenas transmitir conteúdos formais, mas também estabelecer pontes entre os saberes escolares e os saberes da vida.

A partir dessa compreensão, minha visão sobre o ensino começou a transformar-se. Passei a perceber que a Geometria, por exemplo, podia emergir das formas presentes na



arquitetura tradicional angolana, dos objetos artesanais, dos padrões decorativos, das práticas agrícolas e das experiências culturais dos estudantes. A Matemática deixava de ser apenas uma linguagem técnica para tornar-se também uma forma de leitura do mundo.

Assim, a perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática anunciou-se na minha atividade educacional e acadêmica como resposta a uma crise de sentido vivida na prática pedagógica. Ela surgiu como possibilidade de superar um ensino fragmentado, repetitivo e descontextualizado, que frequentemente transformava os alunos em simples reprodutores de conhecimentos considerados superiores porque vinham de fora.

Mais do que uma abordagem metodológica, comecei a compreender a Etnomatemática como uma postura ética, epistemológica e política. Uma postura que exige do professor sensibilidade para reconhecer os conhecimentos culturais dos seus alunos, disposição para dialogar com diferentes formas de saber e coragem para romper com modelos educativos que historicamente invisibilizaram as realidades africanas.

Hoje compreendo que a Etnomatemática foi-me anunciada, sobretudo, pelas vozes dos próprios estudantes. Foram os seus questionamentos, as suas inquietações e o seu desejo de encontrar significado na aprendizagem que me conduziram a essa perspectiva. Foi no confronto entre a Matemática formal e a vida concreta dos alunos que comecei a perceber que ensinar Matemática também pode ser um ato de valorização cultural, de emancipação intelectual e de transformação social.

Entre o Silêncio dos Números e a Voz da Cultura: a emergência da Etnomatemática como consciência pedagógica

Between the Silence of Numbers and the Voice of Culture: the emergence of Ethnomathematics as pedagogical awareness

Entre el Silencio de los Números y la Voz de la Cultura: la emergencia de la Etnomatemática como conciencia pedagógica

Resumo

A crônica reflete sobre a experiência do autor como docente de Matemática em Angola, evidenciando as tensões vividas no ensino da Geometria Analítica diante do distanciamento entre os conteúdos escolares e a realidade sociocultural dos alunos. As constantes indagações dos estudantes, como “Aprender isso para quê?”, revelam a percepção da Matemática como um saber abstrato, estranho e importado. Diante desse cenário, o autor questiona a predominância de modelos curriculares descontextualizados e encontra na Etnomatemática uma possibilidade de valorização dos saberes culturais locais. Assim, a crônica problematiza como a Etnomatemática pode contribuir para um ensino de Matemática mais crítico, contextualizado e humanizador.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Cultura. Ensino de Matemática. Contextualização.

Abstract

The chronicle reflects on the author's experience as a Mathematics teacher in Angola, highlighting the tensions experienced in the teaching of Analytic Geometry due to the gap between school mathematical contents and the students' sociocultural realities. The students' recurring questions, such as “Why do we need to learn this?”, reveal the perception of Mathematics as an abstract, foreign, and imported form of knowledge. Within this context, the author questions the predominance of decontextualized curricular models and finds in Ethnomathematics a possibility for valuing local cultural knowledge. Thus, the chronicle problematizes how Ethnomathematics can contribute to a more critical, contextualized, and humanizing Mathematics education.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Culture. Mathematics Education. Contextualization.

Resumen

La crónica reflexiona sobre la experiencia del autor como docente de Matemáticas en Angola, evidenciando las tensiones vividas en la enseñanza de la Geometría Analítica debido al distanciamiento entre los contenidos escolares y la realidad sociocultural de los estudiantes. Las constantes preguntas de los alumnos, como “¿Aprender esto para qué?”, revelan la percepción de las Matemáticas como un saber abstracto, extraño e importado. Ante este escenario, el autor cuestiona el predominio de modelos curriculares descontextualizados y encuentra en la Etnomatemática una posibilidad de valorización de los saberes culturales locales. Así, la crónica



problematiza cómo la Etnomatemática puede contribuir a una enseñanza de las Matemáticas más crítica, contextualizada y humanizadora.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Cultura. Enseñanza de las Matemáticas. Contextualización.

